

EDUCAÇÃO, PSICANÁLISE E PSICOPEDAGOGIA: AS CONTRIBUIÇÕES SOBRE AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

SANTOS, Caroline Fidelis dos – Licenciando em Pedagogia no Centro Universitário
Internacional Uninter

SANTOS, Gabrielle de Azevedo – Licenciando em Pedagogia no Centro Universitário
Internacional Uninter

SILVA, Gustavo Thayllon França – Professor Orientador

Resumo:

Este trabalho objetiva o estudo dos conceitos da psicopedagogia e da psicanálise, aplicados no contexto escolar da educação infantil e início do ensino fundamental, com foco nas dificuldades de aprendizagem presentes na faixa etária dos 4 aos 6 anos – fase de transição entre a educação infantil e o ensino fundamental – percebidas em uma quantidade expressiva de alunos; procura-se, portanto, compreender de que forma a psicopedagogia contribui para o entendimento e utilização de ferramentas perante esse contexto escolar, partindo dos conceitos trabalhados pela psicanálise.

Palavras-Chave: Psicopedagogia. Psicanálise. Dificuldades de aprendizagem.

1. Introdução:

Os grupos de alunos sob a responsabilidade dos professores da Educação Infantil e Ensino Fundamental não são homogêneos, alguns além de suas próprias características e aptidões, terão um desafio ainda maior para o educador: as dificuldades de aprendizagem, que podem ser das mais variadas possíveis. Os professores estão diariamente com o aluno, observando seu progresso e devem estar atentos as necessidades específicas dos alunos, promovendo a integração entre todos de forma que sejam sujeitos ativos do seu processo de aprendizagem.

Para que no ambiente escolar os alunos com essas dificuldades possam ser atendidos através de metodologias apropriadas, o professor precisa ter conhecimento a respeito do que são as dificuldades de aprendizagem e quais ferramentas pode utilizar nesses casos. Algumas dessas ferramentas são apresentadas pela psicopedagogia e psicanálise, as quais podem ser aplicadas no dia a dia da escola, melhorando a integração destes alunos e tornando a aprendizagem possível através de um trabalho multidisciplinar.

Objetiva-se através do presente trabalho, de forma geral, analisar as dificuldades de aprendizagem apresentadas por alunos que estão em fase de transição entre etapas da educação básica, a saber educação infantil para ensino fundamental, com vista as teorias apresentadas pela psicanálise e utilizadas pela psicopedagogia; de forma específica, compreender o que é a psicanálise e como ela se relaciona com a educação, apresentar o que é psicopedagogia e seus principais conceitos, entrelaçar os conceitos apresentados da psicanálise e da psicopedagogia aplicando no contexto proposto das dificuldades de aprendizagem.

A pesquisa justifica-se por meio da importância que o professor da educação infantil e ensino fundamental compreenda que os grupos de alunos sob sua responsabilidade não são homogêneos, tendo em vista as suas dificuldades de aprendizagem.

A problemática apresentada se detém ao fato de que, frente as dificuldades de aprendizagem presentes na faixa etária dos 4 aos 6 anos – fase de transição entre a educação infantil e o ensino fundamental – percebidas em uma quantidade expressiva de alunos, há uma necessidade emergente de entender de que forma a psicopedagogia contribui para a compreensão e utilização de ferramentas perante esse contexto escolar, partindo dos conceitos trabalhados pela psicanálise.

Com base na pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, mediante leitura sistemática de livros e artigos científicos de fontes seguras, os quais apresentam com clareza os conceitos de psicanálise, psicopedagogia e dificuldades de aprendizagem, visa-se analisar as dificuldades de aprendizagem apresentadas por alunos que estão em fase de transição entre essas etapas da educação básica.

2. Metodologia

De acordo com Zanella (2006, p. 22), podemos definir metodologia como o “*estudo do método*”, que tem por objetivo estudar, descrever os métodos, explicar, interpretar, compreender e avaliar – conceito estritamente conectado com o conceito de “*pesquisa*” que, segundo a autora, é a “*atividade básica da ciência*”. A metodologia aplicada nesse trabalho é a pesquisa bibliográfica que, conforme explicação de Macedo (1995, p.13), pode-se definir como “[...] busca de informações bibliográficas, seleção de documentos que se relacionam com o problema da pesquisa (...) e o respectivo fichamento das referências que sejam posteriormente utilizadas [...]”.

Ainda, conforme Vieira (1996) citado por Zanella (2006), a **pesquisa qualitativa** pode ser definida como:

“[...] a que se fundamenta principalmente em análises qualitativas, caracterizando-se, em princípio, pela não utilização de instrumental estatístico na análise dos dados. Esse tipo de análise tem por base conhecimentos teórico-empíricos que permitem atribuir-lhe cientificidade. (p.35)”

Conforme Mazzotti (1991), autores como Patton (1986) entre outros, caracterizam dentro da pesquisa qualitativa um ponto em comum denominado de *hermenêutica*, ou seja, partir do pressuposto de que as pessoas agem em função de algo e que seu comportamento tem um significado que precisa ser apurado através da pesquisa científica – argumento esse que explica a função base do presente trabalho.

Temos, portanto, nesse trabalho o tipo de pesquisa denominada **qualitativa e bibliográfica**, esta última tendo como característica o “uso exclusivo de fontes bibliográficas” (ZANELLA, 2006, p. 36), cuja vantagem, segundo a autora, é “permitir ao pesquisador a cobertura mais ampla do que se fosse pesquisar diretamente” (2006, p. 36).

O recorte temporal dos textos utilizados como referências para este trabalho é de 30 anos, sendo o mais antigo de 1991 e o mais recente de 2022. As palavras-chave utilizadas foram “Psicopedagogia”, “Psicanálise”, “Dificuldades de aprendizagem” por estarem intimamente ligadas com o tema trabalhado, sendo foco a base da psicanálise dentro da psicopedagogia aplicada no contexto das dificuldades de aprendizagem.

3. Revisão Bibliográfica

3.1 Conexão entre a Psicanálise, Educação e Psicopedagogia

Para compreender o que seria a psicanálise, antes se faz necessário compreender quem foi seu criador, Sigmund Freud; partindo do contexto histórico, Sigmund Freud foi um dos críticos da Psicologia Tradicional que nasceu na Alemanha em meados do século XIX; através de seus estudos e especializações, “[...] foram mais de 40 anos de um longo caminho de descobertas até chegar ao vasto acervo que constitui, hoje, a teoria psicanalítica”. (SHIRAHIGE; HIGA, 2004, p. 14).

Como explicita Silva (2022, p.4) sobre a trajetória de Freud, este nasceu em 6 de maio de 1856 e faleceu em 1939; como apontado anteriormente e colocado por Silva (2022), a medicina na época de Freud no ramo da psiquiatria era voltada para as questões

biológicas. Neste quesito, Freud diferenciava-se, pois “[...] sempre foi muito curioso com as questões da mente humana, de seu funcionamento; e pensava que o sistema nervoso possuía uma intrínseca relação com as doenças da mente” (SILVA, 2022, p. 4). Foi a partir de seus atendimentos e observações ao longo da carreira, que Freud iniciou as “suas descobertas e formulações teóricas, bem como a formulação do seu próprio conceito de psicanálise” (SILVA, 2022, p. 4).

Ao tratar sobre psicanálise, podemos defini-la em termos gerais como:

“A expressão Psicanálise designa uma ciência, uma área de conhecimento, uma escola psicológica que busca penetrar na dimensão profunda do psiquismo humano para conhecê-lo. Enquanto ciência, possui um método, um conjunto de procedimentos para o estudo dos fenômenos humanos.” (SHIRAHIGE; HIGA, 2004, p. 13)

Entre os principais conceitos da Psicanálise úteis a pensar dentro do contexto da Psicopedagogia, temos a definição de *consciente*, que, de acordo com Silva (2022, p. 7), tem como “[...] como função primordial receber informações do mundo interno e externo ao indivíduo, registrando, de maneira qualitativa, o prazer ou o desprazer”; bem como a conceituação de *pré-consciente* que “possui a função de registrar alguns eventos, ou seja: aquilo que é facilmente lembrado ou evocado” (SILVA, 2022, p. 8) e *subconsciente* “é onde estão todos os nossos traumas, incertezas, medos” (SILVA, 2022, p. 8).

De acordo com Silva (2022), a psicanálise não busca rotular o sujeito, mas se vale do conhecimento da estrutura psíquica desta para sua melhora, que podemos dividir em: **estrutura neurótica, psicótica e perversa.**

Para além desses conceitos base, a Psicanálise se divide em sete escolas com precursores distintos, sendo que nesse contexto o termo *escola* “não se restringe ao conceito de uma estrutura física, mas também remete a uma estrutura intelectual de pensamento, de doutrina e seus adeptos” (SILVA, 2022, p. 11). A primeira delas, foco central do estudo em questão, chamada de *escola freudiana*, cujo precursor é Freud, é definida por Silva da seguinte forma:

“Falar em uma escola freudiana é interessante, haja vista que todo o postulado da psicanálise se pauta no desenvolvimento de conceitos de Freud. Contudo, ainda existem movimentos genuinamente freudianos, que guiam a sua prática clínica, a sua técnica e a sua teoria de acordo com as perspectivas de Freud.” (2022, p. 12)

A questão da relação entre a Psicanálise e a Educação, ainda que não completamente explícita, é real. Existem diversos conhecimentos que, apesar de não

serem enfocados no campo da educação, podem dos estudos relacionados a ele se valer e vice-versa; entre um dos principais encontramos a Psicanálise.

De acordo com Siqueira (2020, p. 161), “Freud não pensou a educação como o seu fenômeno de pesquisa, em particular. No entanto, em seus escritos há conceitos que incidem sobre a educação e a pedagogia”, ou seja, apesar de Freud não ter se focado na educação, os seus estudos – principalmente aqueles que dizem respeito a Psicanálise – podem ser utilizados para compreender fenômenos de cunho pedagógico. Conforme comenta Silva (2022), é possível usar os “elementos da psicanálise para formulação de técnicas para trabalhar no campo da psicopedagogia” (p. 14).

No que tange a educação, sabe-se que Freud enquanto criador da Psicanálise não escreveu nenhuma obra atrelada a ela, apesar de ter criticado as práticas educacionais da sua época (SHIRAHIGE; HIGA, 2004), no entanto, contribuiu de forma significativa para os estudos educacionais atuais com sua obra “A Sexualidade Infantil”.

Ao analisar de forma mais profunda qual a relação possível entre os estudos da psicanálise e da psicopedagogia, podemos concluir, de acordo com Santos, que:

“A psicanálise influenciou o pensamento psicopedagógico por possibilitar pensar o sujeito em sua subjetividade, identidade, aprendizagem, limites, habilidades e potencialidades, ou seja, pensar sua estrutura de personalidade e como esse sujeito se relaciona consigo mesmo e com o mundo” (2009, P. 7)

O estudo do “sujeito”, com suas particularidades e socialização, é um dos pontos cruciais do estudo da Pedagogia, assim como da Psicopedagogia que se ocupa da aprendizagem do sujeito (SANTOS, 2009, p. 8), podendo utilizar dos conhecimentos trazidos pela Psicanálise quando avaliamos “sua influência sobre os estudos acerca de tais dificuldades em sua ligação intrínseca com a singularidade do sujeito” (SANTOS, 2009, p. 1).

Ao se compreender o que é a teoria psicanalítica, bem como as principais características dela e do seu criador, é possível conectá-la com a educação e perceber que seus elementos podem ser utilizados no estudo do sujeito proposto em questão na relação de educação, psicanálise e psicopedagogia. Esta última – a psicopedagogia –, em particular, sendo de extrema importância no contexto escolar das dificuldades de aprendizagem.

Lançando mão dos conceitos apresentados por Claro (2018) no livro “Fundamentos da Psicopedagogia” é possível entender não somente o conceito do que é a

Psicopedagogia, mas também sua origem, história, vertentes e importância dentro do contexto escolar, unindo duas ciências, a saber **Educação e Psicologia**, provando assim ser possível a junção dos conhecimentos de ambos em prol do desenvolvimento pleno do aluno.

De acordo com a autora (2018, p. 17), citando o Dicionário Michaelis (2018), a palavra *Psicopedagogia* é um vocábulo composto de duas palavras gregas que significam a “aplicação de conhecimentos da psicologia às práticas educativas”. Vale lembrar que, bem como aponta Claro (2018, p. 17), ambas as áreas têm como foco de estudo o sujeito, assim como a psicanálise conforme apontamentos anteriores.

No que diz respeito a Psicopedagogia, é necessário entender que como área do conhecimento teve seu próprio histórico, no mundo e também no Brasil; no que tange ao histórico brasileiro, remontamo-nos ao ano de 1980, quando a mesma “[...] começou a se estruturar como uma profissão à parte, agregando, além da psicologia e da pedagogia, outras áreas do conhecimento” (CLARO, 2018, p. 17) após a criação da Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp), sendo seguida pela oferta do curso crescendo gradativamente em âmbito nacional, desde a sua primeira oferta em 2001 pela PUCRS até os atuais cursos de bacharelado de Psicopedagogia presentes em quase todas as universidades do país.

Hoje, conforme Claro (2018), entende-se a psicopedagogia como:

“[...] a área de estudo que se preocupa em investigar a maneira como o sujeito constrói seu conhecimento. Ela busca identificar as dificuldades de aprendizagem para intervir de modo preventivo, bem como propor estratégias e ferramentas que auxiliem no aprendizado. Sua atuação está associada aos âmbitos do indivíduo, do grupo, da instituição e da sociedade.” (p. 18)

Ainda, de acordo com Santos, “[...] a teoria psicanalítica imprime sua marca na construção da clínica psicopedagógica do Desenvolvimento e Aprendizagem do Sujeito. A ideia é buscar um olhar que permita “visualizar” melhor a constituição Sujeito na tentativa percebê-lo na sua singularidade” (2009, p. 13).

Assim sendo, a Psicopedagogia é completamente vinculável com os pressupostos da Psicanálise, bem como os objetivos da Educação, podendo auxiliar principalmente no que tange as dificuldades de aprendizagem dos alunos em fase escolar, tendo um olhar tanto preventivo, como de promotor de estratégias e ferramentas possíveis de serem usadas dentro do contexto da sala de aula, com o fim do aprendizado real, significativo e ativo de todos os alunos, independentemente de suas limitações. Apesar do

Psicopedagogo não estar limitado ao âmbito educacional, o mesmo se faz de suma importância no contexto escolar.

A Psicopedagogia, assim como todas as demais áreas do conhecimento, possui um objeto de estudo, que apesar de ter suas características peculiares, entrelaça-se perfeitamente com o objeto de estudo da Pedagogia. Conforme Claro (2018, p. 20), pode-se definir o objeto de estudo como “[...] a aprendizagem com todas as suas nuances”. Ainda, conforme Neves (citado por Claro, 2018, p. 20) explica que “o objeto central de estudo da Psicopedagogia se estrutura em torno do processo de aprendizagem humana, seus padrões evolutivos, normais e patológicos bem como a influência do meio (família, escola, sociedade) em seu desenvolvimento”.

Sendo assim, é possível concluir que a Psicopedagogia tem como objetivo estudar as “formas como o sujeito aprende e de que maneira essa aprendizagem ocorre” (CLARO, 2018, p. 20); portanto, a partir da análise psicopedagógica do processo de aprendizagem de cada aluno, é possível detectar dificuldades e tratá-las, além de agir preventivamente também.

A aprendizagem, foco de estudo da Psicopedagogia e desenvolvido através da Educação, não se dá automaticamente, mas de acordo com os principais professores e cientistas da educação apontam, é um processo contínuo de um conhecimento que é construído desde a infância (CLARO, 2018). Entre esses grandes nomes de pesquisadores da educação, pode-se destacar um que preconizou muito o processo de cada indivíduo, Vygotsky, que admitia ser o contato com o meio e os outros indivíduos o desenvolvedor da aprendizagem.

A aprendizagem, portanto, é um foco importante para entender quais são as dificuldades caracterizadas como “dificuldades de aprendizagem” dentro do contexto escolar, tendo em vista os estudos sobre o sujeito da psicanálise em junção com os estudos sobre o processo de aprendizagem dos alunos desenvolvidos tanto pela psicopedagogia quanto pela pedagogia em si. Para isso, no entanto, é necessário ter com clareza o conceito do que é aprendizagem; partimos então da concepção trazida por Diaz (2011, p. 83) que a define como:

“Um processo mediante o qual o indivíduo adquire informações, conhecimentos, habilidades, atitudes, valores, para construir de modo progressivo e interminável suas representações do interno (o que pertence a ele) e do externo (o que está

“fora” dele) numa constante inter-relação biopsicossocial com seu meio e fundamentalmente na infância, através da ajuda proporcionada pelos outros.”

De acordo com Claro (2018), o autor acima citado define que no processo de aprendizagem “[...] há uma autoconstrução de informações, de habilidades, de atitudes, a qual modifica o que foi anteriormente aprendido” (p. 21), assim sendo a aprendizagem seria um processo de transformação, onde há uma mudança também comportamental naquele que aprende.

Algo importante de ser frisado no entendimento da aprendizagem a partir dos pressupostos da Psicopedagogia, é que a sua ação “[...] deve ser pautada pela prevenção do fracasso escolar e das dificuldades que envolvem tanto educandos como educadores” (CLARO, 2018, p. 22). Isso quer dizer que todos estão envolvidos nesse processo, portanto não deve ser um ato de exclusão, mas sim de inclusão dos educandos ainda que estes tenham alguma dificuldade que traga certa disparidade em comparação com os demais. O entendimento de que os alunos são um grupo de indivíduos diferentes, com dificuldades e habilidades diversas, é extremamente relevante nos aspectos psicopedagógicos, visando que todos, apesar de suas diferenças, consigam alcançar a plena e ativa aprendizagem.

3.1. Pedagogia e Psicologia: um caminho para pensar no sujeito educacional

A Psicanálise e a Psicopedagogia, como parte da ciência da psicologia, não são conhecimentos aleatórios e sem qualquer conexão com o contexto educacional, principalmente quando refletido no prisma enfocado no presente trabalho para compreender o que são as dificuldades de aprendizagem e como ajudar esses alunos a terem uma aprendizagem significativa, apesar delas.

Para isso, no entanto, é necessário entender além da conceituação do que é Psicanálise e Psicopedagogia, mas também o percurso que a Pedagogia percorreu ao lado da Psicologia até o momento de fusão de ambas.

Conforme Nogueira e Leal (2018), pode-se afirmar que:

“Por ser a pedagogia uma área voltada a como ensinar e a como aprender, é fundamentalmente na psicologia que ela encontra teorias que possibilitam a compreensão dos fenômenos educativos no ambiente escolar [...]. Para que isso ocorra, entenderemos aqui por *fenômenos educativos* a diversidade e as variáveis de natureza educacional e psicológica que estão presentes nos processos educacionais.” (p. 24)

Vale então fazer um retrocesso na história original de ambas as ciências, para então compreender sua ligação.

Tem-se como um dos primeiros indicadores da pedagogia as afirmações de Comênio no século XVII, mas sem esquecer obviamente de que desde a Grécia Antiga já se encontram evidências de teorias que viriam a se tornar o que hoje é a Pedagogia – sendo que nessa época a figura do pedagogo já estava presente como um acompanhante da criança. Ainda, “é também nessa época que surge o conceito de *paideia*, relativo à formação do homem por meio do contato orgânico com a cultura” (NOGUEIRA; LEAL, 2018, p. 25).

Ainda, de acordo com Cambi citado por Nogueira e Leal (2018, p. 27):

“[...] a *paideia* era um dos modelos mais bem estruturados desse período da história da cultura ocidental. Sócrates reconhecia a necessidade do autoconhecimento e da autoformação, por meio do caráter pessoal com tendências ao autodomínio e à autodireção, num processo contínuo e ininterrupto, do nascimento à morte do indivíduo.”

A partir de então, a Pedagogia se desenvolveu em cada uma de suas fases de acordo com as filosofias vigentes do mundo naquele período histórico, passando pela Idade Média onde o enfoque era mais sobre a fé do que a razão em função do Cristianismo, passando pelo Renascimento no período denominado de Modernidade (período em que ocorreram outras revoluções), até chegar no período atual denominado de Pós-Modernidade. (NOGUEIRA. LEAL, 2018). Assim entende-se que o histórico da Pedagogia desde a Antiguidade até os dias atuais “trata-se, portanto, de reconhecer que os processos históricos apresentados até o momento produziram mudanças igualmente amplas e que ainda estão em curso de transformação.” (NOGUEIRA. LEAL, 2018, p. 34)

No que tange a Psicologia, a mesma seguiu um caminho paralelo e semelhante, sendo “[...] considerada por muito tempo tema da filosofia, pois foi inicialmente essa ciência que tornou possível conhecer as bases e os princípios dos conceitos que se conhecem como razão, racionalidade, ética, ciências, entre outros” (NOGUEIRA, LEAL, 2018, p. 36). De acordo com Schultz e Schultz (2006, p. 1):

“As pesquisas sobre a natureza e o comportamento humano remontam ao século V a.C., quando os filósofos gregos, como Platão e Aristóteles, empenhavam-se para resolver muitos dos problemas de interesse dos psicólogos de hoje [...] tais como a memória, a aprendizagem, a motivação, o pensamento, a percepção e o comportamento anormal.”

Podemos apontar, portanto, que desde os primeiros estudos que envolviam a Psicologia, alguns aspectos educacionais também eram pensados, entre eles a aprendizagem. Mesmo após sua emancipação da filosofia por volta do século XIX, ainda permanece estudando o comportamento do indivíduo através da observação (NOGUEIRA, LEAL, 2018, p. 37). Vale ressaltar que nesse mesmo período histórico da Psicologia, está o surgimento da Psicanálise com Sigmund Freud que, como abordado anteriormente, não estudou os aspectos educacionais especificamente, mas que sua teoria pode de muitas formas auxiliar na compreensão deles. Mais tarde, outras escolas de pensamento da Psicologia influenciaram os estudos da Pedagogia, a exemplo da Psicologia Social que tem como um de seus precursores Karl Marx, o Behaviorismo com Watson, entre outros.

Os aspectos educacionais foram pensados e repensados com o passar da história das escolas da Psicologia, dando origem a uma “área de conhecimento e de saberes (teóricos e práticos) que contribui para a melhoria da educação, principalmente no que se refere ao processo ensino-aprendizagem” (p. 43), denominado de *psicologia da educação*. Conforme afirma Meira e Antunes, 2003, p.7:

“constituiu-se, ao longo do século XX, como uma área de conhecimento comprometida com as questões relacionadas à educação em geral e à educação escolar em particular. [...] a preocupação como fenômeno psicológico como constitutivo do processo educacional tornou-se, gradativamente, fundamental para a teoria e prática educacionais.”

A Psicologia da Educação tem, portanto, como precursores principais William James, John Dewey, Granville Stanley Hall e Edward Lee Thorndike – este último considerado o pai da Psicologia da Educação, conforme cita Nogueira e Leal (2018, p. 44). Assim como todas as demais áreas do conhecimento, os estudos evoluíram, passando pela análise do processo de aprendizagem, capacidades intelectuais, rendimento escolar, etc. Curiosamente, nesse mesmo período, de acordo com Veiga e Magalhães (2013), Freud e seus seguidores “construíram importantes teorizações, quer da estrutura do aparelho psíquico, quer do desenvolvimento psicosssexual e das suas fases, hoje em dia tomada como referencial por muitos seguidores” (Veiga; Magalhães, 2013, p. 32).

Ainda, de acordo com Veiga e Magalhães (2013), a ênfase dos estudos da Psicologia da Educação mudou conforme as décadas foram se passando, contendo algumas diferenças teóricas entre os Estados Unidos e a Europa no que diz respeito a educação – fato esse que inferiu em certa dificuldade posterior, porque Podemos afirmar que toda

essa discussão inicial leva a inferir que, infelizmente, “com a chegada da década de 1990, não havia, ainda, um consenso acerca de qual era a relação entre psicologia e pedagogia, tampouco sobre um conteúdo próprio a ser discutido na psicologia da educação” (NOGUEIRA. LEAL, 2018, p. 46), que se estende até os dias de hoje.

Dentro de todas as contribuições de todas as escolas da Psicologia para a Psicologia da Educação, encontramos Freud com seu estudo sobre os estágios do desenvolvimento psicosssexual infantil, o qual é vastamente utilizado para compreender as fases do desenvolvimento das crianças em fase escolar, desde a Educação Infantil até os últimos anos da Educação Básica.

De acordo com Nogueira e Leal (2018), há uma interligação entre a psicanálise e o processo de ensino-aprendizagem:

“A partir de Freud e da psicanálise, houve um novo olhar sobre o desenvolvimento e a aprendizagem humanos. Antes, a educação era modeladora, ou seja, o seu objetivo era apenas treinar e transmitir valores, sem levar em conta o desejo do aluno. Com Freud e a teoria psicanalítica, essa ideia se inverteu e surgiu uma nova prática educativa, não repressiva e respeitadora do desejo do aluno. A partir dessa prática, apareceram novas ideias e necessidades educativas, e passou-se a considerar o “aprender pela satisfação”, e não o “aprender pela coerção”, como parâmetro para um processo de ensino-aprendizagem mais prazeroso e, conseqüentemente, mais significativo.” (p. 112)

Esse desejo de aprender de forma a trazer satisfação, é definida por Nogueira e Leal (2018) como aquilo que é *subjetivo* de cada aluno, mas que intencionalmente ou não interferem no seu processo de ensino-aprendizagem e suas relações dentro de sala de aula, quer com colegas ou professores.

Conforme as escritoras, “a psicanálise aplicada à educação, portanto, pode trazer ao educador a possibilidade de lidar com as diferentes situações que ocorrem no cotidiano da sala de aula” (NOGUEIRA; LEAL, 2018, p. 112). Ou seja, a psicanálise traz em sua teoria ferramentas para que, dentro do ambiente escolar, possa ser possível lidar com as dificuldades de aprendizagem apresentadas por alguns alunos. A psicanálise, assim como explicado anteriormente, irá apresentar ao professor o *sujeito*, auxiliando no entendimento de que é de extrema importância levar em consideração os sujeitos.

Assim sendo, entende-se que

“Dessa forma, o processo de construção do trabalho do professor que faz uso dos conhecimentos psicanalíticos não se fundamenta na simples reprodução do conhecimento. É importante coordenar operações no sentido da evolução constante do ser humano em seu processo de maturação e desenvolvimento psíquico, não só em sua vida acadêmica, mas como um todo. Por isso, reiteramos

a relevância da teoria freudiana na construção do conhecimento do mundo e de si mesmo.” (NOGUEIRA; LEAL, 2018, p. 114)

A partir da compreensão desses elementos estudados por Freud, enfocando no sujeito e suas necessidades, é que podemos compreender que a teoria psicanalítica “influenciou progressivamente a educação e a mentalidade dos educadores, no que se refere à compreensão da relação professor-aluno, tornando-se, apesar de não ser educador, um marco na educação do século XXI”. Essa relação de professor-aluno que se faz extremamente necessária no contexto das dificuldades de aprendizagem, para que o aluno, levado em consideração, possa ter condições de se desenvolver de forma ativa no que diz respeito ao seu aprendizado.

3.2. Pedagogia, Psicopedagogia, Psicanálise e as dificuldades de aprendizagem

Levando em consideração todas as possíveis contribuições da Psicologia, especificamente no que tange a Psicanálise e Psicopedagogia, no contexto das dificuldades de aprendizagem, é preciso entender que “o processo de aprendizagem se inscreve na dinâmica da transmissão da cultura, que constitui a definição mais ampla da palavra *educação*” (PAÍN, 1985, p. 11, grifo nosso), tendo ela diferentes funções: mantenedora, socializadora, repressora e transformadora como aponta Paín (1985). No nível social, como apontado pela autora, pode ser a aprendizagem é um dos polos desse processo denominado de ensino-aprendizagem, sendo ambos conectados, para compor o processo educativo que é o objetivo da escola. Portanto, esse sujeito chamado de educando precisa ser histórico e ativo.

Nesse processo, alguns alunos apresentam certas dificuldades, que, de acordo com Paín, é onde se encaixa perfeitamente a Psicopedagogia “como técnica de condução do processo psicológico da aprendizagem” (PAÍN, 1985, p. 12), tendo seu alcance na diferenciação desses problemas, inclusive daqueles que são exclusivamente escolares.

Sendo assim, é possível definir como dificuldade de aprendizagem “aquelas que atentam contra a normalidade desse processo, qualquer que seja o nível cognitivo do sujeito” (PAÍN, 1985, p. 13). Algumas delas são detectadas justamente na fase de transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, nos primeiros anos de estudo dessa nova fase escolar, onde o aluno apresenta, podendo ter como causa fatores orgânicos, específicos, psicogênicos e ambientais. Mas, para detectar tais dificuldades, é necessário um olhar atento do professor, sendo necessário de forma interdisciplinar – em junção com

a área da psicopedagogia – “[...] explicitar as condições de aprendizagem do indivíduo, identificando suas áreas de competência e de dificuldade” (OLIVEIRA; BOSSA, 1994, p. 212).

Essas dificuldades, bem como os distúrbios de aprendizagem, afetam todos os envolvidos dentro de sala de aula, por isso “o conhecimento e a identificação de tais dificuldades e distúrbios são extremamente importantes para que elas possam ser, se não sanadas, amenizadas” (FARIAS; GRACINO, 2020, p. 9). Vale ressaltar que essa preocupação ganhou voz com a Declaração de Direitos Humanos em 1948, bem como o estabelecimento desses mesmos princípios na lei magna brasileira, a Constituição Federal de 1988 – esta que apresenta a Educação como direito de todos, tornando-se inclusiva também no que diz respeito aos alunos com dificuldades de aprendizagem (FARIAS; GRACINO, 2020). A partir desse momento, surgiram diferentes políticas educacionais voltadas a esses alunos.

Conforme aponta Farias e Gracino (2020), assim como os demais estudos apresentados anteriormente, o que diz respeito as dificuldades de aprendizagem também percorrem um período histórico que prossegue até os dias atuais; de acordo com as autoras, os primeiros estudos para “descobrir as razões da incidência de dificuldades de aprendizagem datam de 1800” (2020, p. 19), sendo que os pesquisadores pioneiros eram da área médica. No entanto, com o “[...] descobrimento de incidências de não aprendizagem desassociadas de disfunções de ordem neurológica suscitou a necessidade de estudos nas áreas de psicologia e educação” (FARIAS; GRACINO, 2020, p. 20), entre eles se destacaram neuropsiquiatras e psicólogos, onde nesse campo passou-se a considerar “[...] as dificuldades individuais entre as crianças, propondo um programa individualizado” (2020, p. 20), passo de extrema importância na compreensão da individualidade de cada criança, bem como o entendimento de que nem todas elas tinham um atraso mental como acreditava-se anteriormente.

Ao longo do tempo, o estudo a respeito das dificuldades de aprendizagem prosseguiram, tendo um avanço significativo a partir de 1980 até os dias atuais, onde esse assunto tem sido amplamente debatido nos bancos universitários e formações continuadas para professores em atividade, principalmente em razão da larga escala atual de alunos com algumas dessas dificuldades, exigindo assim de cada profissional um esforço de superar a ideia equivocada de que os alunos são homogêneos para assim

considerar a individualidade de cada um, fazendo com que o ensino não seja robótico, mas sim intencional e significativo para todos.

Teóricos como Piaget, Vygotsky, Wallon, Skinner e até mesmo Freud com a teoria psicanalítica – como apontado preliminarmente – estudaram questões sobre ou que impactam a aprendizagem. De acordo com Farias e Gracino (2020), “tendo em vista o que se considera aprendizagem, é importante refletir também sobre os contextos em que ela não ocorre da forma esperada, ou no tempo proposto, ou da maneira que se entende como padrão” (p. 25); ainda, consoante a paráfrase feita pelas autoras de Saravali (2020, p.27), é possível definir que “a terminologia *dificuldade de aprendizagem* é uma construção histórica, utilizada na intenção de identificar as múltiplas influências e sentidos apontados pelos estudos na área”.

No entanto, não basta somente saber que existem dificuldades de aprendizagem, mas como professor é necessária “uma definição séria e comprometida com o alcance de mudanças nas dificuldades de aprendizagem deve corresponder a uma postura interacional e dialética” (FARIAS; GRACINO, 2020, p. 27).

Esses alunos, portanto, comportam um grupo de alunos que tem dificuldades em áreas diversas como: atenção, memória, raciocínio, coordenação, adaptação social e problemas emocionais (FARIAS; GRACINO, 2020). Isso não deve afastar o educador do educando porque eles não alcançam um desempenho acadêmico hipoteticamente padrão e esperado de todos, mas sim uma aproximação para que, em conjunto e com ações pautadas em pesquisas científicas e compartilhamento de informações e experiências, possam encontrar caminhos viáveis para que esse aluno aprenda – evitando assim não somente um problema acadêmico, mas também emocional no aluno que pode se sentir impotente, frustrado e inferior aos demais.

Conforme bem apontado pelas autoras Farias e Gracino (2020, p. 30), “[...] quando se encontram obstáculos para que essas habilidades despontem e evoluam, um trabalho deve ser desenvolvido com base em uma observação criteriosa e em um enfoque teórico específico”. Ou seja, não basta apenas detectar que um aluno ou mais tem certo tipo de dificuldade, mas também que esse conhecimento promova um trabalho objetivando o progresso daquele(s) aluno(s) com base em uma abordagem fundamentada teoricamente.

As principais teorias sobre as dificuldades de aprendizagem são: o **enfoque do processamento da informação** (psicologia cognitiva) que tem ênfase no processo interno, **enfoque interativo ou ecológico** que tem ênfase na influência do meio sobre o desenvolvimento do indivíduo (família e escola principalmente), **enfoque neuropsicológico** com enfoque na neuropsicologia que estuda a atividade cerebral e a influência do meio e das relações interpessoais no que diz respeito a aprendizagem (FARIAS; GRACINO, 2020).

Em meio a essa diversidade dos enfoques, pode-se citar também a **teoria histórico-cultural**, onde “o sujeito é percebido como um ser que se constrói na interação social, em uma dinâmica histórica e cultural complexa” (FARIAS; GRACINO, 2020, p. 32), teoria que perpassa por outros estudos pedagógicos e não somente das dificuldades de aprendizagem, onde o sujeito é focado – nesse caso, o aluno – para que possa se desenvolver de forma integral, direito esse garantido por lei e que deve ser colocado em prática dentro de sala de aula.

“Embora as políticas públicas busquem garantir o acesso de todas as crianças à escola, muitas que têm a oportunidade de frequentá-la não têm acesso ao aprendizado em si, o que significa, por exemplo, não obter êxito no processo de alfabetização, evoluindo para o fracasso escolar. Todavia, é importante ressaltar que, ainda que apresente dificuldades ou distúrbios de aprendizagem, o indivíduo é capaz de aprender, se lhe forem oferecidos os suportes necessários para isso.” (FARIAS; GRACINO, 2020, p. 64)

Isso quer dizer que, diferentemente do senso comum que se cria sobre os alunos com dificuldades, a própria designação já deixa claro que esse aluno não tem *impossibilidade*, mas sim uma *dificuldade* que pode ser sim superada com os suportes e caminhos pedagógicos corretos. Para isso, se faz necessária uma equipe interdisciplinar, que envolve a escola, psicopedagogos, famílias, entre outros profissionais da área da saúde quando necessário, visando apontar novos caminhos a serem percorridos para atender essas dificuldades de cada aluno (FARIAS; GRACINO, 2020).

É necessário, além da articulação interdisciplinar, a compreensão de que

“[...] a articulação de fatores internos e externos ao indivíduo contribui para que a aprendizagem ocorra. Entre os fatores externos, destacam-se os contextos social, econômico, cultural e, mais localmente, escolar, com suas práticas e sua organização didático-pedagógica. Já os fatores internos estão ligados às estruturas biológicas e ao estado neurológico do sujeito. Essas diferentes dimensões determinam sua constituição e sua condição de sujeito aprendente.” (FARIAS; GRACINO, 2020, p. 64)

A questão da aprendizagem também tem ligação com a psicanálise, não somente no que foi apontado anteriormente, mas também no que diz respeito à sexualidade infantil; de acordo com ele, explicitado por Farias e Gracino (2020, p. 68):

“[...] a investigação sobre a sexualidade possui três destinos, sendo o primeiro a inibição neurótica que coíbi a curiosidade e o desejo de aprender. Essa inibição, tem como consequência, a limitação da atividade intelectual ao longo da vida, ocorrendo também, inibição do pensamento pela ação educativa.”

Ainda, conforme as autoras:

“Embora não tenha sido o foco de estudo de Freud, é possível associar as dificuldades de aprendizagem com as consequências do primeiro destino. Isso equivale a dizer que a inibição intelectual ocorreria como resultado do fracasso da ação da pulsão sexual. De acordo com Freud (1996b), para aprender, a criança precisa confrontar a angústia da perda, do perigo, da mudança daquilo que já possui e o deixa confortável para, então, experimentar o novo.” (2020, p. 69)

Conforme apresentados por muitos estudiosos, assim como pelas autoras acima citadas, a inclusão apesar de ser amplamente discutida e pensada, ainda se trata de um desafio para professores e gestores – e isso se aplica também aos alunos que tem dificuldades de aprendizagem principalmente na fase de transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, fase em que se evidenciam principalmente as dificuldades que dizem respeito a linguagem oral e escrita e às operações matemáticas.

Entre os distúrbios da linguagem oral e escrita, pode-se citar a dislalia – que deverá ser tratada com urgência pelos profissionais da saúde –, a dislexia, disgrafia, disortografia, entre outras. “Além do diagnóstico inicial, é importante proceder à intervenção, que não obedece a um modelo único, mas envolve um estudo das percepções auditiva e visual do sujeito e não se limita à correção” (FARIAS; GRACINO, 2020, p. 76), buscando técnicas que facilitem a aprendizagem desses alunos. No que diz respeito às dificuldades no campo das operações matemáticas, temos principalmente a discalculia – que contém suas subdivisões –, que pode estar atrelado à dislexia também; nesses casos, “as atividades, além de serem norteadas pelo diagnóstico, devem privilegiar o lúdico e ser investidas de significado para o aluno”, que será dirigido por um pedagogo e deve ultrapassar o momento da aula, mas ser utilizado no âmbito familiar também.

Além de uma ação cotidiana em sala de aula, são necessárias políticas públicas de financiamento da educação para que os professores tenham subsídios para trabalhar com esses alunos e também para a promoção de formação continuada para os professores.

Assim sendo, será possível evitar a evasão e fracasso escolar que decorrem dessas dificuldades enfrentadas pelos alunos, principalmente aqueles inseridos num contexto de desigualdade social. Como bem aponta Farias e Gracino (2020):

“As avaliações em larga escala, organizadas pelo governo, reafirmam que um grupo significativo de alunos não aprende os conteúdos mínimos previstos para o ano escolar que está cursando e para sua faixa etária. A culpa é atribuída, algumas vezes, às vítimas, ou seja, aos alunos que não aprendem; outras vezes, aos professores, que, na realidade, não se sentem preparados para lidar com esses alunos.” (p. 81)

Não se pode responsabilizar somente o professor pela realidade escolar demonstrada por essas avaliações, pois existem diversos fatos que incidem para tal, mas é necessário que cada vez mais as escolas se tornem inclusivas para promover qualidade de ensino para todos, levando em consideração a diversidade que existe nela, tendo suporte para oferecer aos alunos que estão entrando no Ensino Fundamental e apresentam algum tipo de dificuldade.

“Desse modo, a escola precisa organizar-se para viabilizar a aprendizagem de todos. Isso só será possível se essa instituição fizer uma revisão de sua gestão e dos princípios estabelecidos em seu projeto político-pedagógico, bem como das condições de trabalho e dos salários dos educadores. Compreende-se que, para isso, são necessárias políticas educacionais que tenham como base uma leitura crítica da realidade, com vista a promover uma educação de qualidade para todos.” (FARIAS; GRACINO, 2020, p. 82)

Por último, mas não menos importante, frisa-se a necessidade da formação de professores para preparação e discussão de ferramentas que podem ser utilizadas no dia a dia da sala de aula do Ensino Fundamental, visando o pleno desenvolvimento e aprendizagem de todos os alunos. Mas “é fundamental observar que a formação continuada não deve funcionar como um mero preenchimento de lacunas deixadas pela formação inicial, mas como um processo contínuo de formação do professor, em que se discutem a profissão do educador e a própria função da escola” (FARIAS; GRACINO, 2020, p. 93).

Deve a formação continuada então, não somente cumprir um protocolo e carga horária, mas discutir de forma consciente, ativa e fundamentada quais recursos podem ser utilizados em sala de aula para que o processo de ensino-aprendizagem de todos os alunos seja significativo e com êxito, levando em consideração a particularidade de cada um, promovendo as adaptações curriculares necessárias.

4. CONCLUSÃO

Concluimos, portanto, que o presente trabalho se objetivou em desenvolver uma análise referente as dificuldades de aprendizagem encontradas no âmbito escolar, assim como, incluir a Psicanálise e a Psicopedagogia como meio de auxílio e contribuição ao profissional.

Compreende-se que as dificuldades de aprendizagem são encontradas com facilidade em diversos alunos e com isso, faz-se necessário, teorias e metodologias, com fundamentos teórico-práticos, que auxiliem o profissional da educação à adaptação e melhoria na qualidade de ensino, suprimindo a necessidade dos alunos e, com isso, identificando toda e quaisquer dificuldade de aprendizagem presente não só em sala de aula, mas em todo meio externo frequentado pelo aluno.

Assim sendo, levamos em consideração que as dificuldades de aprendizagem não devem ser encaradas como impossibilidades, mas visualizadas pelo prisma de que podem ser superadas com os devidos encaminhamentos pedagógicos, ação interdisciplinar, adaptação curricular e com a formação continuada dos professores em atividade, para que todos os alunos tenham o direito à educação e desenvolvimento integral garantidos na prática.

Referências

CARRARA, K. *et al.* Introdução à psicologia da educação. In: SHIRAHIGE, E. E.; HIGA, M. M (Org.). **A Contribuição da Psicanálise à Educação**. São Paulo: Avercamp, 2004. p. 13-46.

CLARO, G. R. **Fundamentos da Psicopedagogia**. 1 Ed. Curitiba: Intersaberes, 2018.

DÍAZ, F. **O processo de aprendizagem e seus transtornos**. Salvador: EDUFBA, 2011.

FARIAS, E.R.S.; GRACINO, E.R. **Dificuldades e distúrbios de aprendizagem**. 1.Ed. Curitiba: Intersaberes, 2020.

FREUD, S. **Tratamento psíquico ou anímico**. In: IANNINI, G.; TAVARES, P. H. (Org.). Obras incompletas de Sigmund Freud: Fundamentos da clínica. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017b.

MACEDO, N. D. **Iniciação à pesquisa bibliográfica**. Edições Loyola, 1995.

MAZZOTTI, A. J. A. **O planejamento de pesquisas qualitativas em educação**. Cadernos de pesquisa, n. 77, p. 53-61, 1991. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6208725>. Acesso em 15 nov. 2022.

MEIRA, M. A. M.; ANTUNES, M. A. M. (Org.). **Psicologia escolar: práticas críticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

MICHAELIS. **Dicionário brasileiro da língua portuguesa**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=psicopedagogia>>. Acesso em: 30 maio 2018.

NEVES, M. A. C. M. **Psicopedagogia: um só termo e muitas significações**. Boletim da Associação Brasileira de Psicopedagogia, v. 10, n. 21, p. 10-14, 1991.

NOGUEIRA, M. O. G.; LEAL, D. **Teorias da aprendizagem: um encontro entre os pensamentos filosófico, pedagógico e psicológico**. 3 Ed. Curitiba: Intersaberes, , 2018.

OLIVEIRA, V.B.; BOSSA, N.A (Org). **Avaliação Psicopedagógica da criança de zero a seis anos**. 2. edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

PAÍN, S. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

SANTOS, K. F. R. **Psicanálise e Psicopedagogia**. 2009. 21 f. Tese de Doutorado – Universidade Vale do Rio Doce – Unival. Governador Valadares, 2009. Disponível em: <http://www.pergamum.univale.br/pergamum/tcc/Psicanaliseepsicopedagogia.pdf>. Acesso em 25 mai. 2022.

SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. **História da psicologia moderna**. 13. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

SILVA, G. T. F. **Psicanálise aplicada a psicopedagogia**. Curitiba: Intersaberes, 2022.

SIQUEIRA, J. T. F. **Psicanálise e educação à luz de Freud**. Estud. psicanal., Belo Horizonte, n. 54, p. 161-171, dez. 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n54/n54a16.pdf>. Acesso em 25 mai. 2022.

VEIGA, F. H.; MAGALHÃES, J. Psicologia e educação. In: VEIGA, F. H. (Coord.). **Psicologia da educação: teoria, investigação e aplicação – envolvimento dos alunos na escola**. Lisboa: Climepsi Editores, 2013. p. 27-40.

ZANELLA, L. C. H. *et al.* **Metodologia da pesquisa**. SEAD/UFSC, 2006. Disponível em: <https://www.atfcursosjuridicos.com.br/repositorio/material/3-leitura-extra-02.pdf>. Acesso em 14 nov. 2022.